

# *Yes, nós temos lazer, uai!:*

## *Impactos do lazer no mundo rural*

*Yes, we have leisure! : Impacts of leisure in rural world*

**Giuliano Gomes de Assis Pimentel <sup>1</sup>**

**RESUMO:** *O lazer, identificado com a sociedade urbano-industrial, ganha espaço no mundo rural a partir de três processos contemporâneos: 1) a mundialização da cultura, 2) a reformulação da ruralidade e 3) o turismo rural. Analisa-se, a partir desses três fatores, a relação lazer e ruralidade.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Lazer, Turismo rural, Interpretação social.*

### **Iniciando a problemática**



Discutir o ‘lazer no mundo rural’ não é tarefa fácil. Causa-se algum tipo de espanto, dado o fenômeno lazer nos remeter intrinsecamente à sociedade urbano-industrial. Outrossim, a vida campestre, com seus divertimentos aparentemente cristalizados, parece estar anacrônica diante dos prazeres oferecidos pela *Indústria do lazer*.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Estudos do Lazer. Docente do ensino superior em Maringá - PR. Coordenador do Grupo de Estudos do Lazer (GEL/CESUMAR).

E-mail: giuliano@cesumar.br

<sup>2</sup> No Brasil, aliado ao fato do lazer nascer com o processo de urbanização e, conseqüente, êxodo rural, outros fatores contribuem à desconsideração do “lazer rural” enquanto interesse de estudos, dentre os quais podemos destacar: o próprio mercado do lazer situar-se quase exclusivamente nas cidades; dificuldade em separar, para análise, lazer das outras esferas da vida em comunidades rurais tradicionais; facilidades de distância, linguagem e amostragem no meio urbano; a crença no assunto já encontrar-se esgotado (inexistência de fatos novos) e preconceito em relação às questões da zona rural, tendo-as como de menor importância.

Entretanto, ressalta DAMAZIO (1998), as populações do campo não encontram-se paradas no tempo e suas práticas de lazer necessitam ser apreendidas dentro de sua especificidade. Ademais, reforça MARIN (1996, p.137), deve-se tomar cuidado com preconceitos em relação ao tema, pois *“taxar suas formas de vida e seus valores de conservadores, ultrapassados, significa, muitas vezes, consagrar como correta e moderna uma outra realidade”*.

Em acréscimo, surgem mudanças no plano da produção, indicando uma transformação do universo rural do encrave para a abertura. Há possibilidades de um mundo rural globalizado no qual este incorpora uma série de funções urbanas, trazendo para si investimentos do “terceiro setor” (no qual se inclui o lazer). Logo, é inaceitável interpretar a ruralidade da mesma forma que há duas décadas passadas. Tanto o mundo rural vem mudando com essas novidades quanto a própria noção de lazer precisa ser reavaliada a partir das transformações na realidade. Afinal, para além de definições genéricas de lazer, é preciso captá-lo em sua concretude.

Todavia, continuamos a idealizar o lazer e pouco sabemos como realmente ele manifesta-se nas particularidades locais. É imperativo conhecer para intervir, cabendo aos profissionais e estudiosos da área refletir acerca das práticas de lazer advindas da ruralidade ou nela inseridas.

Animados por este desafio, buscaremos algumas contribuições mais recentes para a compreensão da relação lazer - ruralidade. Essa temática ganha peso com três fenômenos contemporâneos: 1) a *“desterritorialização”* da cultura; 2) a nova ruralidade; e 3) o turismo rural. A presente discussão parte da relação desses três elementos entre si e com o lazer.

### **A diluição das barreiras – nasce o “rururbano”**

Com a transformação dos meios de produção e o ‘aparecimento’ de uma nova ruralidade, a própria categoria “rural” passa a perder validade por não haver mais, especialmente no sentido econômico, uma dicotomia marcante entre rural e urbano. Por não ser possível entender o espaço rural exclusivamente pela atividade agrária, este passa por um período de difícil definição.

A despeito dessa fase de transformação, MARCELLINO (1983, p.20-21) encontra dois estilos de vida contemporâneos no Brasil: uma sociedade moderna, marcadamente urbana e uma sociedade tradicional, essencialmente rural. Conforme identifica, nesta última não havia uma separação marcante entre trabalho e lazer enquanto, na primeira, caracteriza-se o binômio trabalho/

lazer. Como a transição tradicional/moderno não atingiu totalmente a sociedade brasileira, o autor acredita na persistência desses dois estágios, muito embora *“este último venha se firmando, dada a influência dos meios de comunicação de massa, e tenda a exercer hegemonia, uniformizando os dois setores, no que diz respeito a aspirações e comportamentos”*.

NOGUEIRA (1989, p.136) também percebe, no plano cultural, uma permeabilidade cultural dos modos de vida urbana no ambiente rural. Para ela, basta notar como as festas tradicionais vêm sofrendo modificações no movimento das transformações da sociedade mundial. Não ocorre mais a espontaneidade das mesmas, pois se *“essas festas apresentam um patrimônio cultural, ao mesmo tempo, oferecem lazer de acordo com as exigências políticas e econômicas do momento”*. Parece haver uma sobreposição da lógica urbana sobre a rural.

Já ALEM (1992, p.240) vê o mesmo fenômeno como uma unificação de mão dupla entre campo e cidade, embora possibilitada e conduzida pela *“indústria cultural de temática ruralista”*. O autor toma o fenômeno dos rodeios como um exemplo de sua leitura. Para ele, os rodeios tornaram-se criação moderna dessa *“interseção entre o campo da produção rústica e restrita e campo da indústria cultura ampliada”*. Unindo a racionalidade desta e as estratégias simbólicas bem sucedidas daquele, *“os rodeios apontam os rumos da configuração da cultura rural no Brasil de hoje: a diluição cabal entre campo e cidade”*.

A citada diluição das barreiras parece, ao olhar de SILVA (1999), transcender ao simples aspecto de uniformização pela indústria cultural. Ocorre um processo renovador no chamado meio rural brasileiro, incidindo sobre as áreas rurais sua utilização como espaço de consumo de bens e serviços (habitação, lazer, saúde, educação...) sem perda aparente de sua identidade (produção agropecuária). Portanto, não ocorre propriamente uma hegemonização triunfante cidadina sobre o agrário, mas uma interdependência rural-urbano (*“rururbano”*).<sup>3</sup>

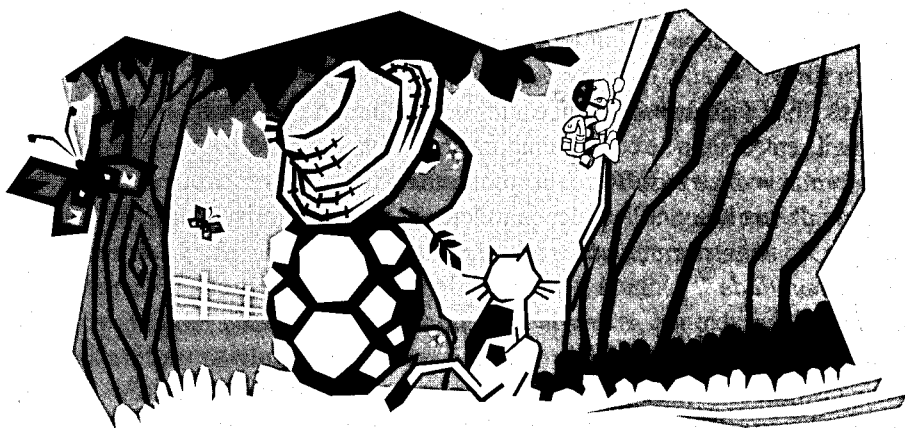
WILLIAMS (1989, p.387) contraria também qualquer jogo de representações isolando o homem rural da realidade urbana. Para ele, o autêntico homem do campo está situado num mundo basicamente urbano e industrial

---

<sup>3</sup> Em função da realidade brasileira ser diversificada, não é prudente generalizar o fenômeno *“rururbano”* a todo país, sendo preferível apontá-lo como uma tendência. A própria relação com a indústria cultural faz com que apenas certas regiões e certos traços culturais sejam comercialmente exploráveis.

mas é capaz de circular nele sem perder os vínculos concretos com sua vida e sua comunidade. Nada se mantém sem que haja história, por isso *“o campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto suas inter-relações”*.

Este tipo de intercâmbio sem submissão é igualmente encontrado por DAMAZIO (1998) em uma comunidade rural fluminense. Os sujeitos estudados pela autora indicam haver uma apropriação dos avanços tecnológicos e de certos elementos culturais da urbanidade sem, porém, perda de referências. A comunidade se acredita rural, mas sem abrir mão dos proveitos que as novidades possam trazer-lhes.



Por fim, CANCLINI (1997, p.326) reforça a necessidade de analisar-se cuidadosamente a abertura das tradições à desterritorialização<sup>3</sup>. A leitura das vantagens e inconvenientes desses cruzamentos *“não deve ser reduzida aos movimentos de idéias ou códigos culturais”*, mas precisa também ser construída *“em conexão com as práticas sociais e econômicas, nas disputas pelo poder local, na competição para aproveitar as alianças com poderes externos”*.

<sup>3</sup> Em função da realidade brasileira ser diversificada, não é prudente generalizar o fenômeno *“rururbano”* a todo país, sendo preferível apontá-lo como uma tendência. A própria relação com a indústria cultural faz com que apenas certas regiões e certos traços culturais sejam comercialmente exploráveis.

<sup>4</sup> Fenômeno no qual hábitos e apetrechos antes restritos a um território são difundidos velozmente entre outros espaços, mas nem sempre com o sentido originalmente dado pela cultura originária.

Desta maneira, o ambíguo “*rururbano*” nos remete, sem dúvida, a fatores multicêntricos relacionados à economia, à geográfica, à política e, principalmente, à cultura. Fala-se da comunicação e permeabilidade entre as culturas como um sinal claro desse novo processo que atinge o globo. Não se trata mais de leituras tradicionais nas quais a cultura arcaica (como a rural) está condicionada ao atraso, necessitando ser superada pela modernidade racionalista (e urbana). Igualmente, não cabe apontar como negativa a combinação feita pelas culturas rurais tradicionais entre objetos de consumo modernos e representações antigas.

Neste intrincado processo de bifurcações, no qual elementos culturais da *roça* ganham espaço na cidade, a imagem do rural vem sendo reconfigurada. Não obstante a permeabilidade entre rural e urbano, a ruralidade precisava permanecer com uma identidade; e a imagem escolhida para ser comercializada e fixada no imaginário foi a da ruralidade clássica. Neste caso, certos ícones precisavam ser atualizados...

### **A neo-ruralidade – a novidade conservadora**

A dicotomia entre cidade e campo, datada do Séc. XVII, não referia-se, inicialmente, a um recorte geográfico e, sim, ao embate entre os promotores do capitalismo na Europa e seus opositores, no caso, o estamento rural. Nesse momento histórico, o urbano começou a ser identificado com o ‘novo’, devido ao desenvolvimento capitalista e fabril. Assim, quem se opunha a essa nova ordem era identificado “*com o ‘velho’ (ou seja, a velha ordem social vigente) e com o ‘atraso’ no sentido que procuravam impedir o progresso das forças sociais...*” (SILVA, 1999. p.12).

No Brasil, somente dois séculos depois a ruralidade é significativamente incomodada com a idéia de progresso e desenvolvimento cultural associados ao crescimento urbano. Porém, ainda importante na vida econômica e política brasileira, a elite rural mantém seu *status*. Este, entretanto, vai diminuindo à medida que industrialização e urbanização vão crescendo, principalmente, no século XX.

O ataque às raízes culturais da ruralidade, enquanto algo economicamente limitado, socialmente fechado e culturalmente estreito, ‘estrangula’ a honorabilidade do agrarismo a ponto deste necessitar – entre outras coisas – mudanças na forma como era visto pela cidade, onde, a partir de 1980, concentrava-se a maior parcela da população.

Para reafirmar seu papel no cenário econômico e social, a classe dominante ruralista não poderia mais suportar o estigma de “jeca-tatu”. As perdas de imagem e benefícios tinham sido notáveis e premente se fazia uma reposição material e simbólica. Esta (re) ascensão seria feita, diz ALEM (1996), com o auxílio de setores conservadores da indústria cultural e dos novos sujeitos do agrarismo que viam no campo a possibilidade de investimentos inovadores, tais como, hotéis fazendas, turismo rural, festas de peão, parques temáticos e melhoramento genético, além da tradicional agro-exportação.

Neste sentido, diversas estratégias foram engendradas para mercantilizar os aspectos mais positivos do ruralismo: novelas versando sobre os grandes empreendedores da agropecuária (*Terra Nostra, Renascer, Rei do Gado, Pantanal, Ana Raio e Zé Trovão*), movimento estudantil conservador girando em torno do Rodeio universitário (na mesma equação lúdica dos “cara pintadas”), vestuário e decoração *country*, multiplicação de duplas sertanejas e espetacularização do rodeio como esporte midiático.

Essa construção da neo-ruralidade, como resgate dos aspectos rurais de interesse da classe dominante, remete-nos à crítica feita por BAUDRILLARD (1975, p.117) à mania do “neo”, ou seja, a ressurreição anacrônica dos costumes. Neste tipo de manifestação, há paralelo à recusa das coisas e do real, um consumo cultural – “*sob a forma ritual*” – do acontecimento histórico. Esse processo é chamado pelo autor de “*restauração*” e “*surge como processo de recusa da história e de ressurreição fixista dos anteriores modelos*”.

Esse processo de simulação não é a falsificação da realidade e, sim, uma combinação de contextos fabricando um “*neo-real*”. O mais irônico, aponta, é o seu reaparecimento como caricatura, após a ‘perda’ dos elementos do cotidiano:

*“A família está a dissolver-se? Então, exalta-se. As crianças deixaram de o ser? Sacraliza-se, portanto, a infância. Os velhos encontram-se sós, fora de circulação? Promove-se o enternecimento coletivo pela velhice”* (BAUDRILLARD, 1975, p.118).

O rural perde-se? Voltemos a ser caipiras. Mas não no sentido pejorativo e, sim, numa perspectiva lúdica de distinção. Exemplo insofismável desses acontecimentos é a “*festa de peão*”, na qual se vê uma dramatização positiva do modo de vida agrário.

Segundo ALEM (1996, p.55), referindo-se a esses eventos, ser caipira-country, adotar o estilo de vida neo-sertanejo não significa, necessariamente, trabalhar a terra com técnicas rústicas, compartilhar a vivência social de grupos isolados, em condições precárias de vida. Para o autor, a “neo-ruralidade” constitui numa associação entre a ruralidade dominante e a indústria cultural, na qual se recria uma nova (e favorável) identidade simbólica para o rural.

Com isso, é possível consumir aspectos do modo de vida rural sem constrangimentos. Parques temáticos, arenas de rodeio, casas de shows, cachaçarias e hotéis estabelecidos ou montados nas cidades, dentro do *padrão Disney* (tudo deve parecer fantasticamente real) e com o *layout* rústico, exemplificam uma gama de entretenimentos e equipamentos de lazer com a marca desse novo rural. Neles, encontramos o cruzamento entre rural e urbano, formando uma nova síntese cujos reflexos recaem na onda dos modos de diversão e turismo no (do) campo.

### **O rural como atração – entretenimento, esporte e turismo**

Não existe, a rigor, um lazer rural propriamente dito, mas uma manifestação particular do lazer no contexto rural (o que muito se deve à permeabilidade mútua entre os modos de vida rural e urbano). Mas, como salientam SILVA, VILARINHO, DALE (1998), existem duas formas de entender o fenômeno do lazer no campo. Tomando como referência o turismo, os autores lembram haver o turismo em áreas rurais e o turismo rural.

No primeiro, as atividades ligadas ao lazer não necessariamente envolvem a atividade agropecuária. Em tal categoria de turismo no campo, estão incluídos os centros de convenção na zona rural, SPA's, parques naturais para atividades esportivas e o hotel-fazenda (diferente do fazenda-hotel). Neste caso, a agropecuária é substituída por novas funções.

Há, entretanto, uma forma de entender o turismo rural na qual as atividades produtivas do campo não são excluídas e, sim, integradas ao rol das atrações do “turismo verde”. Atividades como o pesque-pague, a fazenda de caça, a pousada, o restaurante típico, os pontos de venda direto do produtor (alimentos, artesanatos e indústria caseira) atuam no sentido de uma diversificação (ao contrário de substituição) produtiva.

Tal diferenciação é fundamental no tocante à identidade rural embora, em ambos os casos, o campo assumam novas funções. As mesmas permitem uma reordenação do modo de produção rural, muitas vezes atuando favoravelmente na preservação de aspectos importantes da cultura local e do meio ambiente.

Sabe-se, por exemplo, da integração ou mediação entre natureza e o homem propiciada no turismo verde. A esse respeito, PORTUGUEZ (1999, p.93) lembra da importância, para o agroturismo, da adequada integração entre produção com os demais atrativos constituintes da imagem da propriedade. Os recursos naturais remanescentes são lembrados como fundamentais nessa composição, ou seja, a preservação das matas, solo, recursos hídricos e acidentes geográficos da propriedade não significa tão somente uma questão de consciência ecológica mas, também, de alternativa econômica.

Quanto ao interesse pelo “lazer rural”, conclui-se que este reúne energias sociais ainda imprecisas como revivescência (a recuperação do passado agrário, transfiguração ou o simulacro), recomposição psicossomática, ruptura com o cotidiano urbano ou busca por novos ambientes ou paisagens.

A satisfação desses desejos/necessidades remete-se à distinção adotada entre turismo rural e lazer no campo. Conforme comentado na questão da emergência de uma *neo-ruralidade*, amarrada à indústria cultural, percebe-se a existência de equipamentos de lazer no campo, oferecendo algumas atividades como passeios à cavalo ou comidas típicas, mas que não revelam qualquer compreensão aprofundada dessa realidade. Deste modo, tem-se um simulacro, no sentido da imitação, da vida rural. São ambientes/atividades que estão *no campo*.

O lazer entendido por este viés, seria um conjunto de atividades para uma fuga momentânea e deliberada do cotidiano. Nestas circunstâncias, não evidencia-se integração com a cultura local, mas com uma representação desta. Em contrapartida, poderíamos entender a festa camponesa, alguns jogos rurais e fazendas-hotel como antítese ou crítica a essa forma evasiva de lazer. Isto porque essas atividades *do campo* podem ser encaradas enquanto uma reação local ao processo de uniformização cultural.<sup>5</sup>

Afinal, a gratificação com práticas concretas – em oposição ao simulacro – está no reconhecimento da alteridade e um auto-conhecimento através desse contato. Conforme BRUHNS (1997), a respeito das experiências íntimas do corpo com o meio ambiente, tem-se uma dinâmica pendular: o homem abre-se para o meio e para si mesmo. A autora valoriza o aspecto do contato e da sensibilidade do turista em relação ao local onde se encontra. Preconiza, ainda, o valor desse estar em contato sem a obsessão do controle (como ocorre no simulacro), permitindo-se às descobertas.

<sup>5</sup> Neste particular, a revivescência da origem rural não significa mero saudosismo. Há um caráter de denúncia da perda dos vínculos sociais mais densos, indicando um equilíbrio entre perdas e ganhos da vida urbana.



Para concluir, destacamos o caso dos esportes rurais (montarias, hipismo, argolinhas, provas de laço) e esportes realizados no turismo verde (*mountain bike, cross country, trekking*) os quais muitas vezes convivem em proximidade, realizando uma integração local-global e urbano-rural. Nessa síntese, uma gama de atividades físicas favorecidas pelo ambiente não-urbano são tidas como chamarizes para o agroturismo e o ecoturismo.

Essa formação coincide com os dados arrolados por COSTA (1998) em sua observação acerca do vínculo entre esporte e turismo. Os dados das opções de turismo, assevera o autor, apontam para uma convergência da demanda por encontros com a arte e o esporte. Em outras palavras, a prática esportiva é uma das atrações determinantes na escolha do local a ser visitado pelo turista.

Este tipo de opção integrada vai além de estações de esqui ou pontos estratégicos ao desenvolvimento de esportes radicais. A relação íntima entre participação esportiva e turismo também possui seus desdobramentos no “lazer rural”, haja vista a crescente recorrência de viagens destinadas à pescaria, equitação, montaria ou eventos afins.

O vínculo estabelecido entre as práticas corporais e o turismo de temática ruralista (seja ele massivo, interno ou segmentado) já é recorrente – direta ou indiretamente – em estudos que abordam a relação rural-lazer. Portanto, diante do que apontam os novos acontecimentos de ordem econômica e sociocultural apontados neste texto, o rural já não mais pode restringir-se à atividade agropecuária. O campo e suas produções (como o rodeio, a catira, o artesanato e folclore) vêm caminhado junto a um mercado do lazer, no qual tanto as práticas rurais locais são “desterritorializadas” e levadas à cidade e ao mundo quanto novos elementos culturais vêm se inserindo no cenário campestre.

O reforço simbólico da imagem do ruralismo, o enfraquecimento das barreiras entre campo-cidade e local-global, além do impulso dado ao turismo verde nas últimas décadas, consistem em importantes fatores para o surgimento desse novo estágio do lazer no universo rural. Fenômeno este recente e, conseqüentemente, carente de investigações empíricas e análises densas que possam compreendê-lo além dos estereótipos dominantes até o momento.

## Referências Bibliográficas

- ALEM, J. M. *Caipira e country: a nova ruralidade brasileira*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Sociais da USP, 1996. (Tese, Doutorado em Ciências Sociais).
- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1975.
- BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 86-91, 1997.
- COSTA, L. P. da. Aproximações históricas e filosóficas do lazer e entretenimento contemporâneos. *Licere*. Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 95-104, 1998.
- DAMAZIO, M. S. Representação social do futebol na comunidade rural de Santa Rosa. In: VOTRE, S. J. (org.) *Representação social do esporte da atividade física: ensaios etnográficos*. Brasília: INDESP, 1998. p. 149-164
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- SILVA, J. G. da. *O novo rural brasileiro*. Campinas: Unicamp, 1999.
- SILVA, J. G. da.; VILARINHO, C, DALE, P. J. *Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil*. Disponível na Internet via <http://www.eco.unicamp.br/pesquisa/frame-inic.html>
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e humanização*. Campinas: Papyrus, 1983.
- MARIN, E. C. *O lúdico na vida: colonas de Vale Vêneto*. Campinas: Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 1996. (Dissertação, Mestrado em Educação Física/Estudos do Lazer).
- NOGUEIRA, N. *Festa do peão de boiadeiro: onde o Brasil se encontra*. São Paulo: Ícone, 1989.
- PORTUGUEZ, A. P. *Agroturismo e desenvolvimento regional*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- WILLIAMS, R. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

**ABSTRACT:** *The leisure, identified with the urban-industrial society, wins space in the rural world starting from three contemporary processes: 1) the cultural globalization, 2) the new formulation of the rural image, 3) the rural tourism. I analyze the relationship leisure and field starting from the three pointed factors.*

**KEY WORDS:** *Leisure, Rural tourism, Social interpretation.*